

Jannis Harjus (Universidade de Innsbruck)

A (não) identificação com estereótipos culturais locais como parâmetro extralinguístico de uma comunidade de fala andaluza¹

This contribution follows previous studies on 'communities of practice' and 'local loyalty' in analyzing the relationship between (non) identification with cultural stereotypes linked to the rural zone of Andalusia and the production of salient phonic features, above all the *ceceo* phenomenon, in the *Jerezano* community. Through a qualitative analysis, we conclude that speakers who identify with cultural stereotypes also tend to perform *ceceo* and lenition. In contrast, speakers who do not identify with Jerez tend to avoid these features and usually approach phonetic characteristics of the national standard of European Spanish. Therefore, one witnesses a separation of the urban speech community of Jerez into a more rural and a more metropolitan part that is also reflected in the linguistic behavior of its speakers.

1 Jerez de la Frontera: metrópole, cidade ou 'aldeia'?

Com mais de 215 mil habitantes, Jerez de la Frontera é a quinta maior cidade da Andaluzia e a maior da província de Cádiz, onde se localiza. Apesar disso, não é a capital da província, mas sim a cidade de Cádiz com apenas 121.000 habitantes. Foram feitas várias comparações entre as duas cidades, que afirmam o caráter mais conservador e rústico da sociedade de Jerez: Caro observa que "[u]no de los rasgos que más llama la atención de la población de Jerez – tanto de ayer, como de hoy – es el fuerte componente rural [...]" (Caro 1999, 208). A ideia de uma ruralidade ao falar de Jerez contrasta com a sua grande população. De acordo com as definições do termo cidade, um lugar com mais de 100 mil habitantes é uma metrópole (*cf.* Susino / Feria 2005). De fato, a nível administrativo, fala-se da área metropolitana da Baía de Cádiz-Jerez. Em relação às características geográficas do termo cidade, a área de Jerez deve ser considerada urbana devido à sua densidade populacional e ao seu ordenamento territorial diversificado com áreas comerciais, industriais e habitacionais. A formulada hipótese da ruralidade também contrasta com o desenvolvimento econômico de Jerez, porque o setor industrial –, especialmente a indústria do vinho – superou o setor agrícola já durante o período franquista, momento em que o resto da Andaluzia ainda permaneceu predominantemente agrária. No entanto, deve-se mencionar que as relações entre os camponeses que cultivam a videira no "triângulo do Sherry" e os trabalhadores nas vinícolas de Jerez são fortes, ainda hoje. A migração "intragaditana" consolidou o componente rural dentro da zona urbana de Jerez, até o ponto em que é possível falar de uma verdadeira "rurbanidade" de Jerez (*cf.* Harjus no prelo). Aqui, o termo "rurbanidade" é definido como pseudo-urbanização que provém do sustento de certas condutas rurais na cidade de destino dos moradores migrantes (*cf.* Hofmeister 1999, 47).

Talvez seja justamente no elemento da orientação cultural diferente ao rural da definição geográfica do termo cidade que encontramos a ideia subjacente a um Jerez pouco urbano: se buscarmos informações sobre Jerez na internet, encontramos o site da *Wikipédia*, onde lemos: "Jerez es un pueblo [...]" (*wikipedia.es*). Esta especificação refere-se, obviamente, à situação político-administrativa de não ser a capital da província de Cádiz. Mas a teoria de um Jerez rural também aparece dentro da própria comunidade de fala: em vários fóruns há um debate

¹ Neste trabalho, seguimos as ideias apresentadas em Harjus (no prelo).

sobre o seu status como cidade ou "pueblo". Lá é evidente que não é apenas a falta de título de capital provincial, mas algo além disso que causa essa discussão: "es la mentalidad. te [sic] podrás poner botox [sic] a mansalva pero tendrás la edad que tienes, pues lo mismo, lo digo pq [sic] conozco bien el pueblo y sus habitantes" (conlavenia.com), diz uma forista. Um blogueiro de Jerez ressalta o caráter rural da cidade, porque os processos de urbanização, "[...] aún no han logrado sustraer al jerezano de la sensación de que vive en un pueblo, grande, pero pueblo" (extebanf.blogspot.de). As densas redes sociais entre os habitantes levariam a "[...] actitudes que [...] que no [l]e despojan de una cierta sensación de ahogo ante comportamientos pueblerinos [...]" (extebanf.blogspot.de).

Neste artigo, formulamos a hipótese de que os jerezanos que não se identificam com a cidade e os seus estereótipos culturais mais tradicionais, ligados hoje em dia mais ao meio conservador e rural da Andaluzia – por exemplo, ir vestido "de corto" à Feira ou participar ativamente em uma fraternidade da igreja –, tendem a evitar os aspectos fonético-fonológicos "salientes" da comunidade de fala, acima de tudo o ceceo² e a fricativização da /tʃ/ (Carbonero *et al.* 1992; García-Amaya 2008; Harjus no prelo),⁴ e geralmente se aproximam à norma nacional do espanhol europeu. É provável que sejam motivados pelo desejo de se distinguir de certos outros grupos locais conforme discutido em trabalhos anglo-saxões (p. ex. Preston / Ito 1998). Portanto, estaríamos perante uma situação de divisão da comunidade de fala, refletida no seu comportamento linguístico, em uma parte mais rural e tradicional, que participa ativamente de eventos ligados a estereótipos culturais locais, e outra parte mais metropolitana, que não gosta desses estereótipos culturais e apresenta vestígios menos tradicionalistas. Este trabalho, portanto, segue as linhas de estudos de "communities of practice" (p. ex. Eckert 1989) e "local loyalty" (p. ex. Milroy / Margrain 1980). Acreditamos que esta análise poderia ajudar a explicar a variação linguística na fala de Jerez, uma vez que os parâmetros extralinguísticos – idade, nível de formação e gênero – não explicam de forma satisfatória a variação diastrática local.

2 A comunidade de fala de Jerez

A investigação científica sobre a fala jerezana inicia-se com o estudo dialetológico do *ALEA* em que a realização "ceceante" para os fonemas espanhóis /s/ e /θ/ e a fricativização são enfatizadas como características típicas (Alvar *et al.* 1973, 1705). Esta conclusão é questionada pelo trabalho sociolinguístico de Carbonero *et al.* (1992) que encontram entre os jerezanos de nível de formação médio e superior muitos falantes que tendem a uma realização "seseante" e à manutenção da consoante africada, já que considerem o seseo⁵ e a africada mais prestigiosas que o ceceo e a fricativa:

[...] el hablante jerezano no es decididamente seseante o ceceante. Sin embargo, las diferencias por el nivel sociocultural son plenamente clarificadoras de lo que ocurre; puede observarse que el índice de seseo es mayor cuanto más se sube de nivel sociocultural y que, correlativamente, el ceceo aumenta en los niveles menos cultos de la población (Carbonero *et al.* 1992, 24).

Dos resultados de Carbonero *et al.* (1992) e doutros estudos sobre as falas andaluzas, Villena (p. ex. 2008) deduz uma influência considerável da variedade linguística da capital, Sevilha,

² O termo ceceo refere-se à desfonologização dos fonemas /s/ e /θ/ do espanhol europeu em benefício da [θ], embora o processo é muito mais complicado (cf. Harjus no prelo).

³ A fricativização [ʃ] da africada espanhola /tʃ/ consiste em omitir a fase oclusiva da africada [t] deixando um som mais perto do inglês ou alemão [ʃ], p. ex. em "shoe" ou "Schuh".

⁴ Seguindo a definição de Lenz (2010, 94), definimos o termo saliência como uma característica linguística saliente que se destaca de outros em seu contexto e que, em comparação com variáveis sem relevância, permite um acesso mais fácil à consciência linguística. Um estudo perceptivo sobre o conhecimento linguístico de falantes de Jerez (Harjus no prelo) demonstra a importância do ceceo e da fricativização para a variedade linguística local.

⁵ O termo seseo refere-se à outra forma da realização da desfonologização entre a /s/ e a /θ/, tendendo à realização com [s].

nas falas locais da Andaluzia ocidental, incluindo a de Jerez: "The urban variety of Seville (*norma sevillana*) is accepted as a model of pronunciation for western varieties [...]" (Villena 2008, 144). Esta suposta norma regional basear-se-ia principalmente no seseo e causaria tanto uma redução da influência da norma nacional do espanhol peninsular, ou seja, a distinção entre /s/ e /θ/ como o recuo dos fenômenos alegadamente desacreditados das variedades andaluzas ocidentais, especialmente o ceceo. Estudos sociofonéticos mais recentes sobre a fala de Jerez, García-Amaya (2008, 65) e Harjus (no prelo) contrariam esta conclusão, uma vez que quase não foram encontradas realizações "seseantes", mesmo entre os jerezanos com maior nível de formação e, no caso de Harjus (no prelo), nem em situações comunicativas de imediatez, nem em situações de distância. Os resultados dos dois estudos mais recentes não apenas contradizem os dados de Carbonero *et al.* (1992), mas também a ideia de uma norma sevilhana que influencie a fala local: os dados de Harjus (no prelo) indicam que os falantes com baixo e médio nível de formação tendem a manter o tradicional ceceo e a fricativização. Somente os falantes mais jovens e mais formados rompem com essa homogeneidade linguística na fala jerezana. Em qualquer caso, o grupo dos estudantes universitários parece dividir-se em duas partes: uma com a tendência de realizar o ceceo e a fricativização, enquanto a outra parte observa a norma do espanhol peninsular. Assim, os dois parâmetros extralinguísticos, nível de formação escolar e idade, não são suficientes para uma análise exaustiva das realizações das fonemas /s/, /θ/ e /tʃ/.

Tendo em conta o acima exposto, decidimos colocar o foco do nosso estudo em um aspecto extralinguístico vinculado ao que Hazen (2002) chama de "identidade local": analisamos a relação entre a identificação com determinados estereótipos culturais locais, p. ex. a Semana Santa e a produção de certas características fonológicas. Assumimos que este fator extralinguístico exerce influência sistemática sobre o uso do ceceo e a fricativização na fala de Jerez, como enfatiza Villena (2012, 59) em relação aos falantes da comunidade de Málaga. Neste artigo, partimos da hipótese de que é entre os falantes com maior nível de formação escolar, onde a (não) identificação com estereótipos locais tem influência na realização de características fonológicas salientes ou a rejeição destas.

3 Fundamento teórico: estereótipos culturais, identificação e "local identity" na linguística

Em estudos sociológicos sobre a Andaluzia, concorda-se que o que muitas vezes é exposto como uma cultura andaluza não passa de um estereótipo da sua cultura variada. Por conseguinte, optamos por evitar o termo "cultura" para aspectos parciais, como p. ex. a feira, e por usar o conceito de "estereótipo". O termo estereótipo não só pode ser atribuído ao comportamento das pessoas, mas também a culturas, regiões, etc. Por esta razão, o termo estereótipo é definido neste estudo como proposto por Hillmann: "Stereotype sind relativ starre überindividuell geltende Vorstellungsbilder über Personengruppen, Nationen, Regionen, Kulturlandschaften etc., die die komplexe Realität vereinfachen" (Hillmann 1982, 735). Daí que definimos tais fatores culturais como estereótipos culturais e não como cultura per se. De acordo com a teoria da identidade social (Tajfel 1982), os estereótipos emanam do desejo das pessoas de ter uma identidade social positiva. Para tal, os grupos usam características específicas, entre elas os estereótipos culturais, para se distinguir de outros grupos (*cf. ibid.*, 129). Por esta razão, os estereótipos culturais da localidade de Jerez são referências de identificação para forjar uma identidade social.

Embora tenhamos desenvolvido o termo estereótipo a partir da teoria da identidade social, acreditamos que o conceito de identidade é por demais abrangente para a feitura de uma análise detalhada da identidade de uma pessoa. É por isso que optamos pelo termo identificação, como foi definido na teoria da socialização, que a considera um passo no desenvolvi-

mento da identidade individual, onde o indivíduo se identifica não apenas com sujeitos, mas também com objetos como estereótipos culturais: "In der Theorie der Sozialisation ist Identifikation der Terminus zur Bezeichnung der Prozesse, in deren Verlauf das Individuum an Identität gewinnt" (Dimbath 2011, 190). Devido ao exposto, preferimos o termo identificação como uma primeira peça na construção da identidade. Por isso, evitamos o termo "identidade cultural" (Huntington 2002) no presente artigo, porque seria uma homogeneização inadequada da identidade: um budista pode ser, ao mesmo tempo, homossexual e amante de Heavy Metal. Então, um jerezano pode se identificar com Jerez sem gostar dos cavalos "cartujanos", etc. Somente um estereótipo cultural não é suficiente para descrever a identidade de uma pessoa, pois é um elemento único de uma ampla gama que constitui a identidade.

Além da identificação com estereótipos culturais, também analisamos a identificação com o entorno geográfico próximo. Seguindo Weichhart *et al.* (2006), definimos essa forma de identificação como avaliação emotivo-afetiva do entorno local e/ou regional (Weichhart *et al.* 2006, 23), o que geralmente se repercute em um envolvimento cognitivo-emocional com um objeto geograficamente restrito (*cf.* Petzold 2011, 62), no nosso caso com Jerez. Existem exemplos de outras obras sociológicas (Mühler 2010) que já incluem na identificação com o entorno geográfico também a identificação com certos grupos sociais locais. Seguimos esta linha no presente trabalho, entendendo a identificação com o espaço local não só como um aspecto sociogeográfico, mas também de atitudes perante certos grupos sociais – como confrarias eclesiásticas ou grupos de feirantes que vestem trajes rústicos – que cunham os estereótipos culturais da comunidade da fala investigada. Precisamente no envolvimento na vida local, ou seja, quando a identificação local é demonstrada ativamente, essa torna-se sociologicamente relevante.

Já foi indicado por outros linguistas que a identificação com a localidade ou com aspectos culturais dela pode ter influência no uso linguístico (p. ex., Lawson 2011). Por este motivo, Hazen (2002) propõe uma ampliação dos parâmetros extralinguísticos na sociolinguística, a fim de que incluam também a categoria da identidade cultural: "Cultural identity is a sociolinguistic factor that involves how speakers conceive themselves in relation to their local and larger regional communities" (Hazen 2002, 242). Nesse trabalho, embora rescindamos de usar o termo de identidade cultural e optemos pelo conceito da identificação com estereótipos culturais locais, seguimos este argumento ao formular a hipótese de que a identificação com esses estereótipos pode ter influência no uso de variáveis linguísticas salientes. Outros linguistas designam esse ramo da análise sociolinguística por "comunidades de prática" (Eckert 1989, Mendoza-Denton 2008). Na sociologia, uma comunidade de práticas compartilhadas é entendida como um grupo de falantes que compartilha atividades e/ou atitudes:

An aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations – in short, practices – emerge in the course of this mutual endeavor (Eckert / McConnell-Ginet 1992, 464).

A relação entre o grau de envolvimento local e o uso de variáveis linguísticas no contexto hispânico já foi investigada para a fala de Málaga: Villena (2012) indica, referente ao conceito de "local loyalty" de Milroy, Margrain (1980), uma maior lealdade fônica entre os falantes mais envolvidos na vida social de Málaga.⁶ No entanto, a ideia de analisar atitudes perante diversos estereótipos culturais locais é nova na linguística hispânica. A ideia de analisar uma possível identificação com estereótipos culturais e a sua influência na fala da comunidade surgiu ao examinar os resultados de uma análise qualitativa de entrevistas, que foi feita para uma análise socio-fônica da fala de Jerez (*cf.* Harjus no prelo).

⁶ O conceito de "lealdade local" (Milroy / Margrain 1980) indica a relação de uma rede social densa no meio urbano através de amizades, trabalho e passatempos com a manutenção de variáveis linguísticas tradicionais do dialeto em questão.

4 Metodologia: "mixed-methods"

No presente artigo, adotamos a metodologia dos "mixed-methods", ou seja, usamos os resultados quantitativos de um estudo, para uma análise qualitativa das variáveis que influenciam determinada conclusão (cf. Bryman ⁴2012, 641). Aqui, utilizamos um método semelhante ao método sequencial dos "mixed-methods" para analisar detalhadamente as variáveis extralinguísticas que afetam a variação linguística dentro da fala de Jerez. Durante uma observação participante na comunidade de fala local, formulamos a hipótese de que existem diversas variáveis extralinguísticas que influenciam a variação. Num seguinte passo, criamos um corpus, chamado Corpus A, composto por entrevistas. Ao analisar os dados de variação sociofonética, parcialmente expostos na introdução deste trabalho, encontramos na análise qualitativa detalhada de uma possível variável extralinguística, i.e. a identificação dos falantes com estereótipos culturais, indicações que nos levam a formular uma hipótese sobre a influência desse fator na variação linguística da comunidade de fala de Jerez: a (não) identificação com estereótipos locais influencia a (não) realização de características fonético-fonológicas salientes.⁷ Com base nesse fator extralinguístico, produzimos um novo corpus, chamado Corpus B. Aqui está a diferença entre o desenvolvimento do método neste estudo e o método sequencial dos métodos mistos. Enquanto no caso da última se faz uma análise qualitativa de um corpus quantitativo, o nosso método prevê a criação de um novo corpus para validar os resultados do primeiro com novos falantes. Para tal usamos parte dos resultados gerados a partir do primeiro corpus para criar um questionário para o segundo grupo. Este contém perguntas sobre a atitude em relação aos estereótipos culturais e acerca do envolvimento em práticas locais. Em concreto, analisamos as atitudes perante dos seguintes estereótipos culturais: a Semana Santa e as irmandades, a Feira e o vestido tradicional, e o "palo" do flamenco da "bulería". Além disso, houve perguntas relacionadas à atitude em relação à cidade de Jerez e às suas "tradições" em si.

Para chegar a uma conclusão sobre a variação linguística, diferenciamos – de acordo com os resultados do Corpus A, onde um total de 18 falantes de diferentes níveis sociais foram entrevistados de 2011 a 2014 – entre os falantes que realizam as características fonéticas salientes e aqueles que não o costumam fazer.⁸ Assim, formamos duas categorias diferentes de informantes: aqueles que tendem para o ceceo e aqueles que não tendem a pronunciar a [θ] em vez da /s/, para ver se a identificação com estereótipos culturais influencia a pronúncia. Os entrevistados do Corpus B foram recrutados por ensaios randomizados: as entrevistas com base num questionário foram realizadas em 2015 com nove entrevistados, três mulheres e seis homens de diferentes gerações e níveis de formação académica, resultando em cerca de uma hora de gravação.⁹ Para a ampla transcrição das gravações, foi usado o *International Phonetic Alphabet*. Com a análise qualitativa subsequente deste corpus pretendemos confirmar a hipótese formulada pelas conclusões do Corpus A. Desta forma, o método sequencial é essencial para a validação dos resultados obtidos, que não são representativos para toda a comunidade local, mas que indicam uma tendência, que poderia ser objeto de futuros estudos quantitativos.

⁷ Veja o capítulo 5.1.

⁸ Os falantes do Corpus A recebem um código automático para ser anônimo: a primeira figura é adaptada ao nível de formação – 3 para estudantes universitários, 1 para falantes com pouca escolaridade (sem escola secundária) – e a última refere-se à geração a que pertence (3 para os mais jovens, de 18 a 29 anos, 2 para a geração média, de 30 a 49 anos, e 1 para os que tem mais de 50 anos). A letra média indica gênero (M para mulheres e V para homens).

⁹ Os respondentes no Corpus B foram escolhidos por sorteio, igual aos do corpus A, mas recebem números romanos em vez de árabes, como o IIIMII para contrastá-los com o Corpus A.

5 Análise qualitativo

5.1 O Corpus A

Vale a pena sublinhar que a grande maioria dos entrevistados do Corpus A gosta de viver em Jerez, como indicado p. ex. em "[a mi me en'kanta | jo no 'boi̯ a bi'bi en 'otro 'θitio] *a mí me encanta, yo no voy a vivir en otro sitio*" (2F2, 64) ou "[a mi θi] *a mí sí*" (3F2). Quando foram perguntados se se importariam mudar de cidade, responderam que preferiam ficar, p. ex. em "[no|ni en 'kadi ni en niŋ'guno de lo 'θitjo |jo he're no 'kambjo por na|'pero por na|'bamo] *no, ni en Cádiz, ni en ninguno de los sitios. Yo Jerez no cambio por nada, pero por nada, vamos*" (1M2) ou em "[jo e ke |la ber'da|θi jo e na'θio en he're θe'ra por 'algo|'habe] *yo es que, la verdad, si yo he nacido en Jerez será por algo, sabes*" (1M3). É impressionante que os únicos falantes que responderam de forma negativa a esta questão são também os únicos do corpus A que tendem para a realização da consoante africada e para a distinção das /s/ e /θ/, p. ex. em "¿Te gusta mucho vivir en Jerez? [me 'gusta 'nada|'nada] *me gusta nada, nada*" (3F1) ou "¿Te daría igual salir de Jerez? [si|e ma me guhta'ria sa'li de he're] *sí, es más: me gustaría salir de Jerez*" (3F3). Essa separação em falantes que demonstram atitudes positivas em relação à cidade e falantes que manifestam atitudes negativas se encaixa perfeitamente com a divisão entre os que realizam os fonemas salientes e aqueles que os esquivam.

Esta tendência também é evidente na identificação de falantes com certos estereótipos culturais, como a Semana Santa, a Feira ou o flamenco, muitas vezes definidos como tradições locais pelos próprios falantes, p. ex. em "[kon la tradi'θjone de a'ki in'tento kolabo'ra to lo ke 'pweda] *con las tradiciones de aquí intento colaborar todo lo que pueda*" (2M2). Os dados do corpus A mostram que o envolvimento local e a participação em grupos locais desempenham um papel importante na manutenção dos elementos fonético-fonológicos salientes, similar aos dados de Villena na comunidade de fala de Málaga (2012, 59–60). Em contraste, os falantes que não se identificam com a cidade e não fazem parte de associações locais ou religiosas tendem a evitar características fonético-fonológicas destacadas, como evidenciado por esta declaração crítica a Jerez por um falante que distingue entre /s/ e /θ/: "[no soi̯ la f̄jobi'nista xere'θana|sabe a lo ke me f̄e'fjero?|el xere'θano es mwi f̄jobi'nista|xere'θ es lo me'xor del 'mundo] *no soy la chovinista jerezana, ¿sabes a lo que me refiero? El jerezano es muy chovinista: Jerez es lo mejor del mundo*" (3F1).

Torna-se particularmente evidente na análise das atitudes em relação a certos estereótipos culturais locais um panorama que mostra uma divisão entre falantes que se identificam com esses estereótipos e aqueles que tendem a rejeitá-los. Acerca do estereótipo cultural da Semana Santa, podemos destacar aficionados que, ao mesmo tempo, fazem o ceceo, p. ex. em "[he|la θe'mana 'θanta me en'kanta|a parte jo perte'nehko a 'una erman'da e del 'mjerkole 'θanto|ke θe 'jama el prendi'mjento| i 'θargo aji] *sí, la Semana Santa me encanta. Aparte pertenezco a una hermandad, del miércoles santo que se llama el Prendimiento, y salgo allí*" (2M2) ou em "[jo 'θoi̯ ko'frade ko'frade|'θjem por 'θjeŋ ko'frade|'bamo|ko'frade 'ahta la 'medula] *yo soy cofrade, cien por cien cofrade. Vamos, cofrade hasta la médula*" (1M3). Como para toda a Andaluzia (Pino / Bericat 1998, 99), podemos constatar, também no caso de Jerez, que são aqueles com menor nível de escolaridade que tendem a mostrar maior envolvimento em práticas religiosas. Assim, a maioria dos estudantes universitários não aprecia a Páscoa, como p. ex. observado em "[la se'mana 'santa|no me 'guhta 'mut̄ʃo|(RISAS) no| la ber'da ke no| no |no] *la Semana Santa no me gusta mucho. No, la verdad que no, no, no*" (3M3) ou em "[es un de'f̄ot̄ʃe de di'nero|e 'una false'da| no me 'guhta] *es un derroche de dinero, es una falsedad, no me gusta*" (3F3, 193–194). Mas respostas opostas como em "[no me 'guhta la se'mana 'santa] *no me gusta la Semana Santa*" (2M3) ou positivas como em "[la θe'mana 'θanta tam'bjen me 'guhta] *la Semana Santa también me gusta*" (3F2) demonstram que a atitude em relação a este estereótipo cultural não depende apenas do nível de formação.

Mas o Corpus A deixa claro que uma atitude em favor da Semana Santa, e mais ainda o pertencimento a uma fraternidade, tende a estar relacionada com a manutenção de características fonético-fonológicas salientes, enquanto atitudes negativas perante este estereótipo cultural levam a omissão destas características.

O mesmo fenómeno manifesta-se entre aficionados e opositores da feira local: embora apenas poucos estejam mesmo contra esse estereótipo cultural – como p. ex. observado em "[jo a la 'feria no boi 'porke no me 'gusta] *Yo a la Feria no voy porque no me gusta*" (3F1) – e a grande maioria goste de participar – como p. ex. em "['ehto e 'tipiko de a'ki de la 'ferja de he're la me'ho 'ferja de 'bamo de indusku'tible la me'ho 'ferja|ke here'θana no ba a θa'be 'baila fla'menko?] *esto es típico de aquí de la Feria de Jerez, la mejor Feria de, vamos, de indiscutiblemente la mejor Feria. ¿Qué jerezana no va a saber bailar flamenco?*" (1F3) – existe uma diferença entre aqueles que usam trajes tradicionais, mais ligados ao meio rural da Andaluzia (cf. Corbin / Corbin 1987, 98), e aqueles que não se vestem dessa maneira. Os falantes que costumam vestir-se "de corto" ou "de gitana" são "ceceantes", como p. ex. em "['θobre 'todo en la 'ferja de he're|ke e a'ora en 'majo |jo 'θjempre me 'guhta ir un par de di'ita kon el kaba'jito me 'guhta i pa'ja pa la 'ferja|beh'tido de 'korto| me en'kanta] *sobre todo en la Feria de Jerez que es ahora en mayo. Yo siempre me gusta ir un par de dítas con el caballito. Me gusta ir para allá para la Feria, vestido de corto, me encanta*" (2M2) ou em "[a mi la 'feria me en'kanta|beh'tirme de hi'tana mon'tarme en lo 'koje de ka'bajo] *a mí la Feria me encanta: vestirme de gitana, montarme en los coches de caballo*" (2F2). Em contraste, os falantes que não vestem trajes tradicionais tendem a evitar características fonético-fonológicas salientes, como se manifesta p. ex. em "¿Vas en traje de flamenca? [mm no no me 'guhta] *no, no me gusta*" (3F3).

Algo parecido acontece em relação à atitude à "bulería", o estilo local do flamenco em Jerez: os falantes universitários e não universitários que demonstram o seu gosto por esse estilo flamenco, como p. ex. em "[mm lo ke mah noh 'guhta a la 'hente de por a'ki ee θon logika'mente la 'toda lo 'tema fje'h'tero | la bule'ria] *lo que más nos gusta a la gente de por aquí son logicamente la toda los temas fiesteros: la bulería*" (3M1) ou em "['kanto|lo 'daki e la bule'ria |no|e 'fāro un here'θano ke no 'θepa kan'ta 'una 'letra de bule'ria|e 'mwi 'fāro] *canto. Lo de aquí es la bulería, ¿no? Es raro un jerezano que no sepa cantar una letra de bulería, es muy raro.*" (1M2), tendem a realizar o ceceo e a fricativa. Em contraste, os respondentes que não gostam deste estereótipo local de música, como se manifesta p. ex. em "[no| a mi no me 'gusta el fla'menko] *no, a mí no me gusta el flamenco*" (3F1) ou "['no 'sjento ke 'baja kon'migo] *no siento que vaya conmigo*" (3F3), evitam os elementos fônicos salientes.

5.2 O Corpus B

Os dados obtidos através do Corpus B apontam na mesma direção que os do corpus A. Os falantes "ceceantes" responderam de forma negativa à pergunta sobre se gostariam de viver noutra lugar, como p. ex. em "[no no no] *no, no, no*" (IIMII) ou "[no en niη'guna] *no, en ninguna*" (IIFI), enquanto que o único respondente do Corpus B que não usa o ceceo ou a fricativa em vez da africada respondeu: "[pwe de mo'mento pro'ba i si me 'guhta a lo me'ho ke'darme] *pues, de momento probar y si me gusta a lo mejor quedarme*" (IIIMIII).

O mesmo observa-se em relação às atitudes perante estereótipos culturais locais, conforme indicado pelos comentários positivos de "ceceantes" acerca da Semana Santa, p. ex. "[si a mi me 'guhta me a guh'tao ma guh'tao me 'θige guh'tando] *sí, a mí me gusta. Me ha gustado, me ha gustado, me sigue gustando*" (IMI) ou "[e pre'θjoθa i e de katego'ria i me'reθe la 'pena] *es preciosa y es de categoria y merece le pena*" (IIFI) – e mais ainda quando são membros de uma fraternidade, como p. ex. em "[e 'θio er'mano de do erman'dade] *he sido*

Hermano de dos hermandades" (IMI) – e a rejeição do único respondente do Corpus B que distingue entre /s/ e /θ/: "[pwe: jo la fēh'peto 'pero a mi la ber'da ke no me 'guhta 'mut̃o normal'mente 'sjempre la se'mana 'santa 'swelo aprobe't̃ja 'para 'irme a la 'plaja o a la 'sjefa] *pues, yo la respeto, pero a mí la verdad que no me gusta mucho. Normalmente, siempre la Semana Santa suelo aprovechar para irme a la playa o a la sierra*" (IIMIII).

No caso da feira local, observamos, num primeiro passo, que todos os entrevistados têm uma atitude positiva perante este estereótipo como evidenciado p. ex. em "[la 'feria de ka'bajo e 'una de la me'hore ke aḷ en eh'paḷa i en er 'mundo 'bamo a 'meno pa mi] *la Feria del Caballo es una de la mejores que hay en España y en el mundo, vamos, al menos para mí*" (IIMI). Como aconteceu no Corpus A, também aqui a divisão entre falantes "ceceantes" e distinguidores torna-se evidente quando questionados acerca do uso de trajes tradicionais. Enquanto os "ceceantes" comentavam que se vestiam "de corto" ou com o vestido cigano para ir ao recinto de feiras, como p. ex. em "[θi me 'bihto de hi'tana] *sí, me visto de gitana*" (IIFIII), "[klar̃o ke θi 'dehde 'jika i eḷ ka'bajo] *claro que sí, desde chica en caballo*" (IIFII) ou "[de 'jico θi] *de chico sí*" (IIMI), o único respondente que não ceceia no corpus B deixou claro que vestir dessa maneira, ligada mais ao mundo rural andaluz, lhe é alheio: "[no no jo 'boḷ bes'tio nor'mal] *no, no. Yo voy vestido normal*" (IIMIII).

É, no entanto, no encanto pelo "palo de bulería" que se evidencia ainda mais a diferenciação entre os falantes do Corpus B. Enquanto os mais relutantes em deixar de usar os elementos salientes da fala local apreciam o estereótipo, como observamos p. ex. em "[de 'mwerte 'bjen 'bjen] *de muerte. Bien, bien.*" (IIMII) ou "[mu 'bjen lo me'ho lo me'hon der 'mundo me eḷ kanta] *muy bien, lo mejor, lo mejor del mundo, me encanta*" (IIFI), o falante que tende para o "standard" nacional de espanhol europeu, destaca o seu gosto pelos mais modernos tipos de música: "[no 'soḷ jo 'mwi de fla'menko pre'fjero 'otro 'tipo de 'musika 'komo no se el xip xop el fōk no se] *no soy yo muy de flamenco prefiero otro tipo de música como, no sé, el Hip Hop, el Rock, no sé*" (IIMIII) e deixa claro que geralmente não está muito envolvido na comunidade de fala local nem muito a favor das supostas tradições de Jerez: "*¿Usted se identifica con la ciudad y sus tradiciones?* [bweno lo ke me a 'ido pregun'tando ki'tando la 'feria el 'festo 'tanto la 'moto 'komo lo 'toro i tal no la ber'da ke no] *Bueno, lo que me has ido preguntando, quitando la Feria, el resto tanto las motos como los toros y tal no, la verdad que no*" (IIMIII). Em contraste, os entrevistados do Corpus B que tendem a realizar tanto o ceceo quanto a fricativa indicam a sua identificação máxima com esse estereótipo como p. ex. em "[hi hi me 'guhta el ka'bajo me 'guhta la 'moto me 'guhta el 'baile y el 'bino tam'bjen] *sí, sí, me gusta el caballo, me gustan las motos, me gusta el baile y el vino también*" (IIMII) e "[θi me 'gusta el fla'meñko me 'guhtan la 'koθa me 'guhtan la 'moto] *sí, me gusta el flamenco, me gustan las cosas, me gustan las motos*" (IIFIII).

5.3 Discussão

Tanto no Corpus A como no Corpus B podemos observar em alguns aspectos, sobretudo nas perguntas religiosas, que o grau de identificação com os estereótipos culturais de Jerez diminui com o aumento do nível de formação acadêmica dos falantes. Villena confirma isso para os falantes de Málaga: "Illiterate speakers or those who had not completed their basic education scored higher than educated speakers in all network markers" (Villena 2005, 326). Estes dados coincidem com o grau de sentimento localista e regionalista dos andaluzes em geral, que diminui de acordo com o grau de estudos realizados (cf. Pino / Bericat 1998, 257). Mas isso não significa que uma análise detalhada das atitudes em relação aos estereótipos culturais locais entre estudantes universitários em Jerez seja desnecessária: pelo contrário, a identificação com esses estereótipos é precisamente um fator que merece análise entre falantes com maior nível de formação, porque é justamente entre estudantes universitários onde se observa que a tendência de pronunciar de uma ou outra forma depende do grau de envolvi-

mento em práticas culturais locais. Esta conclusão é reforçada pela investigação de Mallinson / Childs (2005) em Carolina do Norte:

Now, more clearly, our analysis reveals the importance of examining the subgroup variation that exists among speakers who share demographic characteristics but employ different language practices (Mallinson / Childs 2005, 11).

O resultado da análise sobre a variação na produção de /s/ e /θ/ torna flagrante a necessidade de ampliar a lista padrão de categorias sociolinguísticas – que inclui hoje em dia principalmente os parâmetros extralinguísticos de idade, gênero e nível de formação acadêmica – como já foi afirmado por Mattheier (1980) em relação à transformação linguística na Alemanha:

Die Wechselwirkung zwischen dialektalen Ausdruckssystemen und sozialen Strukturen betreffen in erster Linie nicht gesellschaftliche Grundstrukturen wie Klasse oder Schicht. Obgleich diese Faktoren sicherlich bei der Konstituierung und Stabilisierung der bestehenden Verhältnisse eine Rolle gespielt haben und noch spielen, sind für die primäre Korrelation zum Sprachverhalten doch eher komplexere und auch 'oberflächlichere' gesellschaftlich-situative Phänomene wie Ortsloyalität, Urbanität, Öffentlichkeitsgrad oder Formalität der Situation von Bedeutung (Mattheier 1980, 200).

Como Hazen (2002) ou Mallinson / Childs (2005) o fizeram para comunidades rurais na Carolina do Norte, mostramos no nosso trabalho que os falantes de Jerez que concordam com estereótipos culturais locais e que expressam atitudes positivas perante a cidade em geral também realizam marcas fonético-fonológicas salientes. De um modo geral, os falantes que têm alguma orientação para o tradicionalismo local – ou nas palavras de Preston / Ito (1998) evidenciam "lealdade local" – também realizam as características fonético-fonológicas tradicionais de sua comunidade de fala. Ao contrário, os falantes que se abstêm deste tradicionalismo e manifestam atitudes negativas descartam o uso dos fenômenos do ceceo da comunidade local para produzir elementos linguísticos mais próximos da norma nacional do espanhol peninsular. Desta forma, nossa hipótese é confirmada: enquanto os falantes de Jerez com uma forte identificação com estereótipos culturais locais tendem a usar os fenômenos fônicos tradicionais da comunidade de fala, especialmente o ceceo e a fricativização [ʃ], aqueles que não se identificam com estes geralmente se distanciam desses elementos linguísticos e se aproximam à pronúncia do "standard" do norte peninsular. É óbvio que essa tendência não é afirmada em cada uma das possíveis identificações com estereótipos culturais locais. Por isso, temos que admitir que os resultados sempre têm alguma ambivalência, já que os entrevistados não respondem apenas positiva ou negativamente a todas as perguntas sobre estereótipos culturais locais, mas sim de forma diferenciada. Este fato enfatiza a necessidade de substituir o termo de identidade, que é bastante generalizado na linguística – mas, de acordo com o resultado desse trabalho, e abrangente a mais –, por um conceito diferente: o da identificação.

6 Conclusão: em prol de uma ampliação dos parâmetros extralinguísticos em análises sociolinguísticas

Tentamos verificar a hipótese de que existe uma relação entre a realização de certos elementos linguísticos salientes e uma atitude positiva ou negativa perante a própria comunidade de fala de Jerez. Por tendência, podemos concluir para a comunidade de Jerez que os falantes com uma forte identificação com estereótipos culturais locais tendem a realizar os fenômenos fônicos, acima de tudo o ceceo e a fricativização [ʃ], enquanto que aqueles que não se identificam nem estão envolvidos nestes tendem a distanciar-se das marcas linguísticas e abordam uma pronúncia mais padronizada. Esta tese, gerada a partir de uma análise qualitativa após um desenho profundo dos "mixed-methods", destaca a necessidade de examinar a identificação por parte dos falantes com as respectivas localidades em outras comunidades andaluzas em especial e hispânicas em geral, para contrariar a antiga hipótese que a relação entre uma transformação linguística e uma determinada identificação local geralmente não é comum (*cf.*

Labov 2001, 191). Estudos sobre variedades andaluzas, onde as mudanças fônicas em relação a /s/, /θ/, e /tʃ/ são frequentes, devem aplicar a análise qualitativa, tendo em conta o fator extralinguístico de identificação com a localidade e os seus estereótipos culturais, bem como o envolvimento, isto é, a "lealdade local", dos falantes com as suas próprias comunidades de fala. Em Jerez, estas questões estão intimamente ligadas à visão dos falantes locais, dependem de se eles se sentem confortáveis em um lugar supostamente menos urbano e mais parecido com uma aldeia do que a demografia faria pensar ou se não gostam da sua própria localidade, preferindo ideias mais cosmopolitas e os estereótipos culturais associados a grandes metrópoles, como p. ex. a individualidade, o anonimato e o exotismo, já que o protótipo do cidadão de uma metrópole moderna é o desconhecido (cf. Siebel 2015, 289). Nesse sentido, os entrevistados deste estudo oferecem detalhes que fortalecem a ideia de uma Jerez mais rural do que urbana, como p. ex. em "[po a mi me 'guhta mu'ʃiθimo mi 'pweblo] *Pues, a mí me gusta muchísimo mi pueblo*" (IIIMIII) ou "['ome he're e bo'nito e bo'nito i um 'pweblo agra'dable] *Hombre, Jerez es bonito, es bonito y es un pueblo agradable*" (IMI). Portanto, não é de estranhar que a maioria das pessoas de Jerez continue a pronunciar as características fonológicas que em outras partes urbanas da Andaluzia já parecem ser desacreditadas e associadas a "[...] el habla rural" (Roper 2001, 39). Em qualquer caso, para o nosso artigo, devemos substituir o termo "pueblo" em seu sentido geográfico ou administrativo rigoroso por um mais intimamente ligado a uma "comunidade imaginária" (Anderson ²1996): essa mantém tradições de identificação nas quais os jerezanos podem participar ativamente e que os mantêm unidos. Os falantes locais que partem da comunidade imaginária do "pueblo" relacionam, por tendência, os atos, atitudes e estereótipos ligados a ela com o "subdesenvolvimento" do meio rústico. Com esse trabalho, demonstramos que essa dicotomia entre Jerez como "pueblo" e como "metrópole" é refletida na fala: ou mantêm o tradicional ou optam pela pronúncia que mostra algumas características de uma "metrópole imaginária" que poderia ser Madrid e das falas do Norte de Espanha, pelo menos em relação à realização das fonemas /s/, /θ/ y /tʃ/.

7 Referências bibliográficas

- Alvar, Manuel / Llorente, Antonio / Salvador, Gregorio (1973), *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía*, Vol. 6, *Fonética, Morfología, Sintaxis*, Granada, CSIC.
- Anderson, Benedict (²1996), *Die Erfindung der Nation – Zur Karriere eines folgenreichen Konzepts*, Frankfurt a.M. / New York, Campus.
- Bryman, Alan (⁴2012), *Social research methods*, Oxford, Oxford University.
- Carbonero Cano, Pedro / Álvarez, José / Casas, Joaquín / Gutiérrez, Isabel (1992), *El habla de Jerez – Estudio Sociolingüístico*, Jerez de la Frontera, BUC.
- Caro Cancela, Diego (ed.) (1999), *El Jerez moderno y contemporáneo (Historia de Jerez de la Frontera*. Vol. 2), Cádiz, Diputación de Cádiz.
- conlavenia.com: <http://blogs.grupojoly.com/con-la-venia/2013/01/20/jerez-es-pueblo-o-capital/> (17.11.2015).
- Corbin, Mary P. / Corbin, John R. (1987), *Urban thought – culture and class in an Andalusian city*, Aldershot, Gower.
- Dimbath, Oliver (²2011), *Einführung in die Soziologie*, München, Fink.
- Eckert, Penelope (1989), *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*, New York, Columbia University.

- Eckert, Penelope / McConnell-Ginet, Sally (1992), "Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice", in: *Annual Review of Anthropology* 21, 461–490.
- extebanf.blogspot.de: <http://extebanf.blogspot.de/2012/04/jerez-es-un-pueblo.html> (10.07.2016).
- García-Amaya, Lorenzo (2008), "Variable norms in the production of the /θ/ in Jerez de la Frontera, Spain", in: Siegel, Jason *et al.* (ed.), *IUWPL7: Gender in language: classic questions, new contexts*, Bloomington, IULC, 49–71.
- Harjus, Jannis (no prelo), *Sociofonética andaluza y lingüística perceptiva de la variación: el español hablado en Jerez de la Frontera*, Madrid/Frankfurt a.M., Iberomericana Vervuert.
- Hazen, Kirk (2002), "Identity and Language Variation in a Rural Community", in: *Linguistic Society of America* 78: 2, 240–257.
- Hillmann, Karl-Heinz (³1982), *Wörterbuch der Soziologie*, Stuttgart, Kröner.
- Hofmeister, Burkhard (1999), *Stadtgeographie*, Braunschweig, Westermann.
- Huntington, Samuel (⁶2002), *Kampf der Kulturen – Die Neugestaltung der Weltpolitik im 21. Jahrhundert*, München, Goldmann.
- Labov, William (2001), *Principles of Linguistic Change: Social Factors*, Oxford, Blackwell.
- Lawson, Robert (2011), "Patterns of linguistic variation among Glaswegian adolescent males", in: *Journal of Sociolinguistics* 15: 2, 226–255.
- Lenz, Alexandra N. (2010), "Zum Salienz begriff und zum Nachweis salienter Merkmale", in: Anders, Christina *et al.* (ed.), *'Perceptual Dialectology' – Neue Wege der Dialektologie*, Berlin / New York, De Gruyter, 89–110.
- Mallinson, Christine / Childs, Becky (2005), "Communities of Practice in Sociolinguistic Description: African American Woman's Language in Appalachia", in: *University of Pennsylvania Papers in Linguistics* 10: 2, 1–14.
- Mattheier, Klaus J. (1980), *Pragmatik und Soziologie der Dialekte: Einführung in die kommunikative Dialektologie des Deutschen*, Heidelberg, UTB.
- Mendoza-Denton, Norma (2008), *Homegirls – Language and Culture Practice among Latina Youth Gangs*, Oxford, Blackwell.
- Milroy, Lesley / Margrain, Sue (1980), "Vernacular language loyalty and social network", in: *Language Society* 9, 43–70.
- Mühler, Kurt (2010), "Identifikation versus Distanz", in: Glaab, Manuela *et al.* (ed.), *Deutsche Kontraste 1990 – 2010. Politik – Wirtschaft – Gesellschaft – Kultur*, Frankfurt a.M. / New York, Campus, 616–652.
- Petzold, Knut (2011), *Multilokalität als Handlungssituation – Lokale Identifikation, Kosmopolitismus und ortsbezogenes Handeln unter Mobilitätsbedingungen*, Wiesbaden, Springer.
- Pino Artacho, Juan del / Bericat Alastuey, Eduardo (1998), *Valores sociales en la cultura andaluza – Encuesta Mundial de Valores. Andalucía 1996*, Madrid, CISC.
- Preston, Dennis / Ito, Rika (1998), "Identity, discourse, and Language Variation", in: *Journal of Language and Social Psychology* 17: 4, 465–483.
- Ropero, Miguel (2001), "Sociolingüística andaluza: problemas y perspectivas", in: Carbonero Cano, Pedro / Guillén, Rosario (ed.), *Identidad lingüística y comportamientos diversos (Sociolingüística andaluza, tomo 12)*, 21–48.

- Siebel, Walter (2015), *Die Kultur der Stadt*, Frankfurt a.M., Suhrkamp.
- Susino, Joaquín / Feria Toribio, José (2005), *Movilidad por razón de trabajo en Andalucía. 2001. Estadísticas demográficas*, Sevilla, Instituto de Estadística.
- Tajfel, Henri (1982), *Gruppenkonflikt und Vorurteil. Entstehung und Funktion sozialer Stereotypen*, Bern, Huber.
- Villena Ponsada, Juan (2012), "Patrones sociológicos del español de Andalucía", in: Villena Ponsada, Juan / Ávila, Antonio (ed.), *Estudios sobre el español de Málaga – Pronunciación, vocabulario y sintaxis*, Málaga, Sarriá, 27–66.
- Villena Ponsada, Juan (2008), "Sociolinguistic patterns of Andalusian Spanish", in: *International Journal of the Sociology of Language* 193/194, 139–160.
- Villena Ponsoda, Juan (2005), "How similar are people who speak alike? An interpretive way of using social networks in social dialectology research", in: Auer, Peter *et al.* (ed.), *Dialect Change: Convergence and Divergence in European Languages*, Cambridge, Cambridge University, 303–334.
- Weichhart, Peter / Weiske, Christine / Werlen, Benno (2006), *Place Identity und Images – Das Beispiel Eisenhüttenstadt*, Wien: Universität Wien.
- wikipedia.es: http://es.wikipedia.org/wiki/Jerez_de_la_Frontera (última visita: 16.11.2015).